



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

MEMORIAIS E MUSEUS DE TERREIROS DE CANDOMBLÉ - MEMÓRIAS DO POVO DE SANTO

SOANE BARBOSA PEREIRA MENEZES¹

Resumo: A diáspora africana proveniente da imigração forçada, para fins escravagistas mercantis legou ao Brasil, uma configuração cultural-religiosa rica em práticas, ritos, sons, cantos e danças, facilmente percebidas. Esse arcabouço cultural é verificado na atualidade, como elemento da singularidade identitária e, por tanto, patrimônio cultural brasileiro, sendo trabalhado pela atividade turística dentro do segmento do turismo étnico. O presente estudo visa revelar na cidade do Salvador, no estado da Bahia, como os espaços de culto afrobrasileiro religioso estão sendo apresentados como produtos da Indústria Cultural e Turística em contraponto a visão do povo de santo a prática da musealização nas comunidades-terreiro remetendo, primeiramente, à estratégia de preservação física do espaço. Possuir um memorial confere status ao local por se tornar uma instituição cultural de ensino e pesquisa. Ampliando o sentido, a estratégia de preservação também se relaciona com o desejo de preservar aquilo que não é perceptível fisicamente, a memória.

Palavras-chave: arquitetura; memoriais; terreiros e mercantilização do candomblé.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do processo de formação como fenômeno e ciência, a atividade do turismo vem sofrendo reflexões quanto ao seu papel na sociedade, visto que, possui como base proporcionar a cultura do encontro (ALFONSO, 2003). Por ser um fenômeno complexo em que pesam múltiplas formas, o turismo vinculado à cultura traduz a produção material e imaterial de bens culturais, sendo valorizada pelas sociedades (SANTANA, 2009). Um binômio propulsor dos elementos que remetem ao pertencimento, sendo valorizado a partir do encontro entre residentes e visitantes. A atividade turística quase sempre está relacionada à produção cultural (PERÉZ, 2009), atualmente, ela vem sendo viabilizada por meio de diversos segmentos que buscam identificar nichos específicos no mercado de consumo. Dentre os tipos que estão focados na valorização da cultura, ancestralidade e tradição, o destaque fica para o turismo étnico. Seja pelo simbolismo, identidade cultural ou desenvolvimento sustentável, a prática do turismo étnico tem sido percebida como uma atividade em prol do reconhecimento das tradições e elemento propagador da cultura dos povos autóctones. Segundo Lemos, Frega e Souza (2008), essa forma de se trabalhar o

¹ Soane Barbosa Pereira Menezes/ Arquiteta Urbanista pela Universidade Federal da Bahia/ Mestranda - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo/ e-mail: soanebarbosa@gmail.com.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

turismo favorece a criação de correntes turísticas específicas para conhecer, conviver e integrar-se com as diferentes etnias. O turista que o pratica é um indivíduo que busca conhecimentos relacionados ao legado cultural do homem em diferentes épocas e manifestações. Assim sendo, o turismo étnico é uma subdivisão do turismo cultural ligada à motivação de conhecer características de etnias específicas (LEMOS; FREGA; SOUZA, 2008, p. 6).

O turismo étnico é desenvolvido a partir do enaltecimento da cultura de povos que foram subtraídos ao longo do processo histórico. Africanos, indígenas, polinésios, esquimós, estão quase sempre no foco do turismo étnico, viabilizando meios de inserir essas comunidades dentro da economia global pelo resgate das tradições culturais. Alguns muitos estudiosos fazem críticas a essa atividade. Segundo Graburn (2009), pela “comoditização da etnicidade” essa forma de turismo tem provocado mudança nas artes e no artesanato e, por consequência, na identidade desses povos visitados. Para o autor, o autêntico e exótico são colocados numa vitrine para o usufruto das demandas turísticas. No entanto, no Brasil, algumas comunidades indígenas e afro-brasileiras têm sido beneficiadas pela atividade turística dessa modalidade. O raio de ação do turismo étnico vai além de comunidades que se encontram em locais histórica e geograficamente oprimidos pelo regime do capitalismo escravocrata ou de exploração das riquezas naturais. O turismo étnico trabalha em prol de comunidades germânicas, árabes, italianas, russas, japonesas dentre outras, que se deslocaram para países e regiões não originais dessas etnias. Nesses novos espaços, os estrangeiros permaneceram com suas tradições como forma de preservar a sua identidade. Ainda que adaptadas ou reinventadas pela nova realidade local, são esses povos que passaram pelo processo de diáspora que estão no foco do turismo étnico. Em terras brasileiras, as etnias que aqui aportaram em diferentes períodos históricos e regimes econômicos, deixaram para o país, uma diversidade cultural acarretando um hibridismo cultural-religioso único. Essa mescla de produção de bens materiais e imateriais pode ser vista em diversos setores da cultura brasileira. Quando a temática se volta especificamente para a população negra dos fluxos africanos, a sua vinda para o Brasil, modificou sobremaneira os costumes cotidianos na sociedade brasileira. Graças ao modo diferenciado de perceber o mundo pelos escravos, o Brasil detém



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

uma cultura singular que está inserida nos mais diversos segmentos. No campo gastronômico enriqueceu as práticas alimentares com novos ingredientes, temperos e sabores, a língua portuguesa foi ampliada, inserido novas palavras ao dicionário brasileiro; diversificou o modo de dançar e comemorar as festas, incorporando novos sons e bailados; os africanos influenciaram o ritmo dançado dos folguedos e do folclore popular bem como nos passos do frevo e do samba (ARAGÃO, 2013, p. 3).

O Brasil é um país com diferentes culturas e etnias, que por aqui aportaram em diferentes contextos históricos e regimes econômicos, proporcionando ao país, um legado cultural em que pesam diversas influências culturais. Atualmente, os estudos vinculados à cultura brasileira têm se debruçado sobre aspectos singulares dos “fazer e saberes”, sendo recorrente a exaltação das culturas locais; indo na contramão da globalização que tende a homogeneizar os discursos e práticas culturais. Kuper (2002) defende que a cultura que se costumou chamar de popular, além de ser a maior esperança contra a elitização, tem estado na pauta dos estudos sobre diferença e identidade. Dessa forma, têm sido posto cada vez mais em evidência, o valor da história, discurso, memória e sentidos das classes sociais não pertencentes às elites. Comunidades estas, que possuem singularidades no campo das danças, rituais, religiosidade e práticas de fé. Como consequência constata-se que os estudos multiculturais ganharam fôlego, servindo como meio de protagonizar o ator cultural (KUPER, 2002). Na contrapartida sobre possíveis aculturações e uniformidades entre sociedades, a globalização permitiu o fortalecimento, a justaposição, o reconhecimento e a difusão de manifestações culturais tradicionais, promovendo também a diversidade. A valorização da cultura local de povos em determinados contextos, segue favorável do fenômeno de diluição das identidades na contemporaneidade como preconizou Hall (2003). Guerreiro e Vladi (2005) vão problematizar que nesse processo, a cultura também pode ser locus de resistência à homogeneização. Se há tempos a Antropologia e posteriormente a História, buscam constatar o valor intrínseco da cultura popular em cada localidade, a súbita valorização por parte das novas ciências está vinculada a percepção do lugar de protagonista do sujeito dentro da sociedade. Essa mudança no trato do agente social ativo possibilita ir de encontro aos atos e práticas generalizantes que descaracterizam o indivíduo. Ao



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

seguir essa tendência planetária, os estudos culturais brasileiros têm sido vistos sobre o prisma da valoração da identidade, classe, gênero e etnia na contextualização da sociedade, encontrando cada vez mais espaço sobre o valor do pertencimento sociocultural. É enquadrado nesse “código de ações, habitus e condutas através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, e modificam o mundo e a si mesmas” (DA MATTA, 1981) que o turismo cultural-étnico é desenvolvido. Neste âmbito, pesquisas que dizem respeito às sociedades procuram engendrar perspectivas sobre a diversidade cultural, onde se busca o diálogo horizontal e o respeito às diferenças. De acordo com Silva e Carvalho (2010, p. 208), a identidade étnica de um grupo é o alicerce para sua forma de organização, para sua relação com os demais grupos e de seu agir político. A atitude pela qual os grupos sociais definem o próprio pertencimento é resultado de uma confluência de fatores determinados por eles mesmos, no qual constam itens como uma ancestralidade comum, formas de organização política e social, elementos lingüísticos e religiosos. Segundo Trajano Sé (2000), não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si, pois ela existe sempre em relação à outra que é externa. Toda identidade é construída e, seguindo o conceito de Castells (2003), essa construção vale-se dos temas fornecidos pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, bem como pela memória coletiva, patrimônio, festa e religiosidade: matéria prima para o turismo étnico. Para MacCanell (1992), o modelo de turismo que se vincula a globalização é o turismo de massa que tende a homogeneização internacional da cultura e a preservação artificial de grupos e atrações étnicos locais com pacotes prontos, horários definidos e, em grande parte, simulacro dos atrativos. As possíveis generalizações advindas do fenômeno da globalização tendem a unificação, elitização, e mesmo, a busca por semelhanças nas práticas culturais de lugares distintos, negando à diversidade cultural. Essa perspectiva acarreta na maioria das vezes, uniformizações no cotidiano e nos costumes sociais, levando a fusão de práticas recorrentes e tradicionais com novos fazeres. O turismo étnico busca rebater essa uniformização, pois visa à valorização dos povos que foram muitas vezes excluídos, ao logo do processo histórico, buscando subsídios para a protagonização desses atores sociais e fortalecimento das suas identidades culturais. De acordo com Vatin (2008), o conceito de turismo étnico, ou turismo de raízes (roots tourism), tem se



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

desenvolvido de forma significativa nas últimas décadas. Ainda segundo Grūnewad (2009), essa forma de turismo, além de ser recreativa é também histórica, visto que, além do lazer diz respeito ao conhecimento cultural sobre as pessoas que foram constituintes para a formação do Brasil. Verifica-se o turismo étnico como uma variante do turismo cultural, pois os elementos de ambos se imbricam tanto nos formatos dos atrativos e roteiros, como na produção de bens, serviços, símbolos de atração e na hospitalidade. Como informa o Ministério do Turismo, quando a atividade turística foca nos aspectos étnicos das culturas, estabelece que o visitante tenha “um contato próximo com a comunidade anfitriã, participando de suas atividades tradicionais, observando e apreendendo sobre suas expressões culturais, estilos de vida e costumes singulares” (BRASIL, 2008, 2010, p. 21). Nesse contexto, o turismo étnico, [...] envolve as comunidades representativas dos processos imigratórios europeus e asiáticos, as comunidades indígenas, as comunidades quilombolas e outros grupos sociais que preservam seus legados étnicos como valores norteadores de seu modo de vida, saberes e fazeres (BRASIL, 2008, 2010, p. 20). Ainda na discussão turismo cultural e étnico, Cardozo (2006, p. 145) corrobora com a reflexão que “o turismo étnico pode ser encarado como uma segmentação do turismo cultural com definição que relaciona as ideias de etnicidade (autóctone ou transplantada) como motivadora da visita”. Segundo Santos (2005, 2009), é na atividade do turismo étnico que a etnicidade é posta em evidência, visto que, na prática desse segmento turístico, ações cotidianas vinculam-se ao consumo de bens simbólicos da cultura em comunidades excluídas pela lógica do capitalismo branco, europeu e elitista. O turismo étnico tem como objetivo, o desenvolvimento de grupos que ficam à margem dos grandes projetos capitalistas.

A Empresa Salvador Turismo – SALTUR, a Secretaria de Municipal de Cultura e turismo e a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia têm trabalhado na cidade de Salvador, para apresentar o turismo como oportunidade de geração de renda e desenvolvimento econômico das comunidades étnicas. Desta forma a presença do Estado destaca-se como forte elemento no Turismo étnico, pautando a análise na adição de forças do Estado + Setor Privado + Comunidade.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Nesse segmento observam-se grupos culturais, terreiros e comunidades quilombolas, com a ideia de preparar a criação de um roteiro turístico a ser apresentado e vendido por agências a visitantes que desejam conhecer mais sobre a cultura baiana, inspirada na herança da África, trazida pelos negros escravizados.

De acordo com Fábio Velame:

O terreiro é um bastião da esfera da experiência, formando-se a partir das marcas e impressões inconscientes oriundas dos rituais cíclicos, dos mitos, lendas, histórias, símbolos, conhecimento e visão do mundo e do cosmos que são transmitidos oralmente de geração em geração numa dimensão temporal própria, que o psiquismo lança na memória individual e coletiva, fundindo-as, formando e alimentando a tradição. Os orixás em seus pejis são objetos culturais, cuja excelência se dá por sua qualidade e capacidade de suportar o processo vital do tempo. São pertences eternos do mundo. Os Orixás em objetos suportes relacionam-se com a cultura (o cultivar, habitar, tomar conta, criar e preservar) tornando-se um fenômeno do mundo. (VELAME, DOS ORIXÁS INVÍVEIS AOS ORIXÁS VISÍVEIS: Um ensaio sobre a mercantilização dos deuses nagôs na Bahia. Pag. 09).

Os memoriais e Museus inseridos nos Terreiros de Candombléⁱ possuem em seu acervo objetos que remetem ao Candomblé. O objetivo da pesquisa é evidenciar a forma que é contada a história da religião de matriz africana no Brasil pelo povo de Santo nos museus ditos “comunitários”. São museus e memoriais que estão localizados dentro de comunidades- terreiro. Observando sua criação e dinâmica, e delimitando o uso do conceito de museu comunitário “emprestado” do campo da Museologia para justificar a relevância da categoria para a compreensão da relação entre a criação de museus dentro de Terreiros.

Com isso foi estabelecido um roteiro de pesquisa pautado na seguinte ordem de análise: Turismo Étnico, Turismo Étnico Culto Afro-Brasileiro Religioso e Memorial de Terreiros de Candomblé, pautando a análise na Cidade de Salvador, do Estado da Bahia.

2 TURISMO ÉTNICO CULTO AFRO-RELIGIOSO EM SALVADOR

Muitos já disseram que a Bahia é uma Terra abençoada pelos Deuses. Da diversidade ambiental e cultural, à particular formação social que gerou um povo especial e



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

padrões de convivência inter-raciais próprios. Desta forma, os discursos do apelo Turístico na Bahia, são para aqueles que desejam viajar com a expectativa de viver experiências únicas e conviver com situações culturalmente incomuns. Pautado no discurso de uma Bahia diversa, porém justa e humana, uma “terra de todos”. Embora ainda se tenha um longo caminho a percorrer. Uma "vitalidade" a partir da espetacularização da vida urbana.

“Comida, religião, cultura, música, dança e arte provenientes dos povos africanos são encontradas na cidade mais negra fora da África, Salvador é um tabuleiro de roteiros turísticos e viagens por dentro da História do Brasil”. (Último Segundo - iG @ <https://ultimosegundo.ig.com.br/colunas/afro-igualdade/2017-0704/salvador.html>).

Ao nos debruçarmos sobre o processo de inserção dos povos africanos no Brasil colônia, ocorrido de maneira opressiva pela elite católica branca e dominante, é possível perceber que no âmbito religioso, a vinculação dos escravos negros remetia à aceitação ao repertório dos ritos e santos católicos provenientes do colonizador. Para Prandi (2003, p. 2), as religiões afro-brasileiras mais antigas foram formadas no século XIX, quando o catolicismo era a única religião tolerada no País e a fonte básica de legitimidade social. Para se viver no Brasil, mesmo sendo escravo, e principalmente depois, sendo negro livre, era indispensável antes de mais nada ser católico. Sabe-se hoje que a relação por parte de alguns negros da diáspora africana em aderirem à religião católica, passou mais por uma adequação sociocultural do que propriamente por uma conversão. Ainda que essa adesão não acontecesse de forma plena, estratégias como o sincretismo faziam parte do processo de reafirmação identitária, pertencimento social e trânsito. Burity (2002) discute que essa adequação identitária, diz respeito à percepção dos atores de que seu lugar no mundo pressupõe investimentos simbólicos pelos quais eles se afirmam e negociam com outros sua forma de inserção na sociedade. Ao fenômeno em que ocorreu a justaposição de religiões africana e europeia em determinados cultos, deu-se o nome sincretismo. Discutido por muitos, sendo denominado recentemente por paralelismo religioso.

De acordo com Ferreti (2007, p. 112), “o sincretismo no Brasil tornou-se uma estratégia de transculturação refletindo a sabedoria que os fundadores também trouxeram da África e, eles e seus descendentes, ampliaram no Brasil”. No entanto,



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Ferreti (2007, p. 7) defende que os rituais de culto da religiosidade popular portuguesa e de origem africana são,

“[...] duas retas que se encontram no infinito. Paralelismo de ideias e valores que estão próximos, mas não se misturam nem se confundem”. Matos, Souza e Gomes (2009, p. 482), reconhecem que ao longo do processo civilizador o país foi favorecido pelo hibridismo cultural-religioso, visto que, “como sociedade multicultural e pluriétnica, o Brasil apresenta uma complexa teia de questões de classe, gênero, etnia, religião e exercício de poder em que a cada momento uma mesma pessoa vive ângulos diferentes da mesma situação.

O paralelismo religioso, assim como a imagem da Bahia com Terra de Todos os Santos é um forte apelo turístico. Notadamente nos espaços públicos encontram-se nos circuitos turísticos abordagens a temática do candomblé centrado nas diversas representações dos Orixás como: o Dique do Tororó (Fig. 04), o Parque de Pituaçu, o Centro da Ancestralidade na Av. Oceânica no trecho do Rio Vermelho, o Largo de Santana, o Parque das Esculturas, a casa de Iemanjá no Rio Vermelho, a Sereia de Itapuã, e a Praça de Mãe Runhó no Engenho Velho da Federação.

As lojas com temáticas afro-brasileiras são muito frequentes, vendem os mais diversos produtos de roupas, colares, cartões postais, a miniaturas de Orixás, suvinis da cultura nagô, espalhadas não só no Pelourinho, mas, em todos os cantos da cidade. De acordo com Fábio Velame, oferece ao turista com fome de consumo de cultura, ao observador distraído, ao baiano em busca de diversão um produto valorizado e legitimado pelo reconhecimento e proteção do estado.

O Turismo Étnico vem paulatinamente agenciando nas últimas décadas na Bahia grupos étnicos diversos, outrora perseguidos pelo Estado, num processo de agenciamentofolclorização-espetacularização de suas manifestações culturais, no que tange suas festas e arquiteturas, para a sua reprodução e, notadamente, desempenhando um papel central na construção das imagens nacionais e internacionais das cidades onde estão inseridas, realimentando e potencializando todo o processo de mercantilização. O Turismo Étnico tornase uma potente ferramenta da indústria cultural para a edificação de uma identidade das cidades na competitividade global. Para tanto será trabalhado o agenciamento dos Terreiros de Candomblé, tendo como cenários suas arquiteturas e suas relações entre cultura e



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

entretenimento, as manifestações ocorridas ali transformadas em objetos culturais e mercadorias.

Nos últimos anos o olhar do Turismo Étnico voltou-se para os corpos negros dos Terreiros de Candomblé em virtude da maciça presença de pesquisadores e, principalmente, turistas estrangeiros, em busca da descoberta da riqueza e a pluralidade de territórios negros e manifestações culturais de matrizes africanas notadamente na cidade do Salvador. O candomblé vira objeto de consumo, tanto em seus históricos territórios quanto na composição da paisagem urbana da cidade, tornando-se uma peça central na reconstrução econômica e simbólica.

Na primeira metade do século XX a perseguição aos terreiros de candomblé foi intensificada. Os terreiros de Candomblé passaram nesse período na clandestinidade, foram perseguidos exaustivamente, quando os seus membros foram vítimas da repressão policial sendo arbitrariamente presos, respondendo a inquéritos judiciais, covardemente espancados, tiveram seus lares invadidos, seus santuários profanados e maculados e pertences religiosos, emblemas e insígnias publicamente ridicularizados em jornais e noticiários. Foi o pesquisador e africanista Nina Rodrigues, nos anos de 1920 que pela primeira vez tocou no assunto da perseguição aos terreiros de candomblé. Em seu clássico, *“Os africanos no Brasil”*, Nina Rodrigues defende que os cultos na África, durante o século XIX, eram religiões de estado e sua prática era conservada e desenvolvida pelo governo, tanto dos reinos lorubás da Nigéria quanto os Fon no Benim (antigo Daomé). Entretanto na Bahia:

São ao contrário consideradas práticas de feitiçaria, sem proteção das leis, condenadas pela religião dominante e pelo desprezo, muitas vezes apenas aparente, é verdade, das classes influentes que, apesar de tudo, as temem. Durante a escravidão, não há vinte anos, portanto, sofriam elas todas as violências por parte dos senhores de escravos, de todo prepotentes, entregues os negros, nas fazendas e plantações, à jurisdição e ao arbítrio quase ilimitado de administradores, de feitores tão brutais e cruéis quanto ignorantes[...]

Hoje, cessada a escravidão, passaram elas à prepotência e ao arbítrio da polícia não mais esclarecida do que os antigos senhores e aos reclamos da opinião pública que,



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

pretendendo fazer de espírito forte e culto, revela a toda hora a mais supina ignorância do fenômeno sociológico.

Não é menos para lamentar que a imprensa local revele, entre nós, a mesma desorientação no modo de tratar o assunto, pregando e apregoando a crença de que o sabre do soldado de polícia boçal e a estúpida violência de comissário policial igualmente ignorante não de ter maior dose de virtude catequista, mais eficácia como instrumento de conversão religiosa do que teve o azorrague dos feitores (RODRIGUES, 1935, p. 239).

O período de maior perseguição ao Candomblé e de todas as manifestações afrobrasileiras (samba de roda, batuques, capoeira, maculelê, os caretas de carnaval...) pela polícia se deu entre 1920 e 1940. Nessa época foram utilizadas várias estratégias, e discursos pelo aparelho de estado para agenciar, dominar e eliminar o Candomblé de uma sociedade que se queria branca, ocidental nos moldes europeus, pretendendo eliminar todos os vestígios de uma civilização africana que abrangia e minava as bases da sociedade mais ampla, no âmbito do discurso civilizador.

Para tanto foram criados no início do século XX legislações vigentes que enquadravam o Candomblé como folclore, não como religião, e todas as atividades folclóricas para serem realizadas na cidade tinham que pagar taxas, o que asfixiava os terreiros, que passaram a ser rigorosamente vigiados e punidos caso desobedecessem, caso não pagassem as taxas. As investidas policiais dos anos de 1920 e 1930, com uma repressão ostensiva, foram substituídas nos anos de 1940 e 1950 por mecanismos mais „sutis“, mas tão eficientes quanto antes, com o objetivo de disciplinar e controlar os terreiros de Candomblé, que passaram a ser vigiados e punidos ao infringir as leis.

O Turismo Étnico através da associação com empresas turísticas, se informam sobre as festas dos calendários litúrgicos, ligando para os Terreiros ou tendo acesso a Federação Nacional do Culto Afro-Brasileiro – FENACAB. Onde alguns de seus



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

membros são apresentados como descendentes diretos de escravos oriundos do Benin, Nigéria e Angola. Tratados como relíquias vivas, semi-deuses, depositários de um saber tautológico, ancestral, africano, que preservam no Brasil valores e civilizações a muito extintas na África. Esses terreiros são vendidos como pedaços da África Mítica no Brasil, uma „África em Miniatura“ , que sobreviveram a Partilha da África, ao Colonialismo e Imperialismo Europeu.

Antes centros de peregrinação dos desvalidos do sertão e do recôncavo atrás de curas e remédios, hoje, de turistas com sede do exótico, do diferente, onde os corpos negros dos membros são vendidos como bálsamos da africanidade e panteão da resistência negra a diáspora africana nas Américas, o elo perdido, finalmente encontrado, que fora destruído nos Estados Unidos e disperso no Haiti, Republica Dominicana e Cuba. (VELAME, A Meca Afro-Americana: A Cidade de cachoeira no Recôncavo Bahiano. Pag. 10).

Os candomblés foram historicamente perseguidos e agora reverenciados com pompa, tendo-os como os primeiros, os mais puros e legítimos representantes da cultura negra no Brasil, um produto genuíno da herança africana, se inserindo como pontos obrigatórios dos circuitos turísticos da Bahia.

Tiveram que criar diversos mecanismos de proteção por sua eterna posição histórica de subjugados, e continuam nesta posição, mas agora é muito mais perigosa, porque ela se dá de forma velada e sutil através das políticas culturais.

3. MUSEUS TERREIROS DE CANDOMBLÉ NA CIDADE DE SALVADOR NO ESTADO DA BAHIA

A crítica ao caráter elitista dos museus atravessou a metade do século XX e ainda ecoa nos dias atuais em encontros da área de Museologia e Patrimônio pelo mundo. Considerados como instituições burguesas pelo movimento de estudantes parisienses que gritavam nas ruas na década de 1960, os debates e estratégias de tornar o espaço museal um local plural de construção de identidades continua bastante atual. O slogan



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

la jaconde au metro renegava o público tradicional que frequentava os museus. A busca era pelo não público. As práticas político-sociais da vida em sociedade atingem inevitavelmente e fazem refletir o campo do saber acadêmico. Um movimento conhecido no campo da História, a *nouvelle histoire*, questionou um modo de se pensar e escrever a História e propôs novos problemas, abordagens e objetos. Podemos comparar a tentativa de quebra do paradigma tradicional no campo da História com o que ocorreu na área da Museologia. Movimento conhecido como a Nova Museologia houve a escolha do museu como um campo de reflexão teórico e epistemológico e um espaço para a política de democratização cultural. Surgem novas propostas para o uso da instituição. Da apreciação crítica de que, até aí, o museu tinha sido um instrumento ao serviço das elites sociais e intelectuais, é entendido que a continuação da sua existência deve passar pela sua transformação em instituição ao serviço de todos e utilizado por todos. O museu pode e deve ser um instrumento privilegiado de educação permanente e um centro cultural acessível a todos. Segundo Alice Duarte, de importância crucial nesta renovação conceitual foi o papel dos antropólogos nos museus etnográficos ao reforçarem a necessidade de contextualizar os objetos destituídos de seu valor intrínseco, ou seja, separados e expostos fora de seus ambientes de origem.

A contextualização situa os objetos dentro de um discurso expositivo. Com a missão de transformar o museu em um instrumento de aprendizado, surgiram as propostas inovadoras de criação de outros. Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora. Revista *Museologia e Patrimônio*. PPG-PMUS Unirio | MAST - vol. 6 no 1 – 2013. p.101 tipos de museus: o ecomuseu e o museu da comunidade, os museus comunitários.

A categoria de museus comunitários para compreender a criação de memoriais em terreiros de Candomblé sugere que essa política de musealização pode ser entendida como uma das estratégias de visibilidade e de afirmação de identidades. A ausência de representação em museus pelos estados brasileiros sobre religiosidade de matriz africana unida ao desejo expresso de fazer conhecer a sua história parece levar cada



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

vez mais à prática de musealização dos terreiros. Dessa forma, apesar de não estar expressa na fala de nenhum dos sacerdotes dos terreiros, que seus memoriais enquadram-se em uma categoria, observa-se que a criação desses espaços memoriais são bastante similares a museus comunitários como espaços nos quais o principal elemento a se exibir são as experiências sociais. E, o principal, nesses espaços a comunidade não é apenas tema ou público, é ator ao criar conceitualmente a narrativa a se exposta e gerir administrativamente e financeiramente o memorial. São discursos museológicos e memórias construídas por vozes até agora ausentes nos museus tradicionais. Os museus comunitários em terreiros possibilitam um não-tema a um não-público. Entendendo que a memória preservada nos terreiros de candomblé deve ser socializada com a comunidade e colocada à disposição de todos. Na Bahia existe a Rede de Memoriais e Museus Terreiros de Candomblé: REMMUTBA. O encontro e a formação de uma rede têm o intuito de dar visibilidade à contribuição das religiões de matriz africana para a formação étnica e cultural do povo brasileiro. As entidades envolvidas também defendem que tais práticas contribuem para a aplicação das leis 10.639/03 e 11.645/08, que tornam obrigatória a inclusão da temática História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial da rede de ensino, e para suprir a sociedade de informações fundamentais para a diminuição do preconceito. Conforme informações da Diretoria de Museus – DIMUS, atualmente vinculada ao Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), existem memoriais e museus em Terreiros de Candomblé no estado da Bahia e em implantação sendo eles:

Item	Nome da Instituição	Ano	Tipologia	Natureza Administrativa	Situação	Endereço	Município
1.0	Museu Comunitário Mãe Mirinha de Portão	1988	Antropológica e Etnografia. Artes Visuais. História. Imagem e Som	Privado	Aberto	Rua Queira Deus, n° 78 Portão	Lauro de Freitas



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
 RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

2.0	Memorial Kisimbê	2011		Privado	Aberto	Rua Heide Carneiro, n° 89 – Vila Dois de Julho - Trobogy	Salvador
3.0	Memorial Lajuomim	1994		Privado	Fechado	Rua Thomaz Gonzaga, n° 298 (Alto do Achundé) – Estrada do Curralinho – Boca do Rio	Salvador
4.0	Memorial Mãe Menininha do Gantois	1992		Privado: Associação	Aberto	Rua Mãe Menininha, Alto do Gantois, n° 23 - Federação	Salvador
5.0	Museu Ilê Ohun Lailai	1982	Antropologia e Etnografia. Artes Visuais. Ciências Naturais e História Natural. História. Imagem e Som	Privado	Aberto	Rua Direita de São Gonçalo do Retiro, n° 557 – São Gonçalo do Retiro	Salvador



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

Memoriais em implantação:

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Memorial Mãe Neuza (Ilê Asé Iyá | <input type="checkbox"/> Memorial Pai Balbino (Tuntum |
| <input type="checkbox"/> Nassò Oká - Terreiro da Casa Branca) | <input type="checkbox"/> Culto Babá Egum) – Ilha de |
| – Vasco da Gama / Salvador; | Itaparica / BA; |
| Memorial Mãe Vânia (Ilê Axé Kalé | Memorial Mãe Conceição (Centro |
| Bokun) Plataforma / Salvador; | Sutão das Matas) – São Gonçalo |
| | do Retiro / Salvador |

Neste artigo serão abordados alguns Memoriais existentes em Salvador, como segue abaixo:

3.1 MEMORIAL *KISIMBIÊ*: ONZÓ NGUZO ZA NKISI DANDALUNDA YE TEMPO – TERREIRO MOKAMBO

O Terreiro *Mokambo* abriga duas pequenas bibliotecas, uma composta por 400 obras, em parceria com a Fundação Pedro Calmon/Secult, e outra com 243 títulos, do Fundo Memorial *Kisimbiê*, composta por doações com ênfase na temática das religiões afrobrasileiras e da história. Além disso, o templo religioso abriga uma exposição permanente sobre a história do terreiro e da cultura *bantu* na Bahia e no Brasil. A visita ao Memorial é aberta ao público com prévio agendamento da visita.

Fotografias, material audiovisual, objetos sagrados e vestes de inquices e caboclos são alguns dos objetos que compõe a consolidação institucional do Memorial *Kissimbiê* – Água do Saber do Terreiro *Mokambo*, localizado na Vila Dois de Julho, no bairro do Trobogy, em Salvador. A iniciativa é construída coletivamente com a comunidade do bairro e com integrantes do templo e de outras casas, através de rodas de conversas.

O Terreiro *Mokambo* foi contemplado no edital Museus, do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (Ipac), para a elaboração de um Plano Museológico envolvendo religiões de matriz africana. O projeto consiste na sistematização do memorial para a organização de atividades técnicas e administrativas. Ao jornal A Tarde, o sacerdote



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Anselmo Santos Minatojy contou que a iniciativa tem o objetivo de valorizar a história afro-brasileira e fomentar o turismo étnico e cultural, ambos previstos na Lei 10.639/03.

Oportunizar o convívio entre a comunidade e o candomblé também é um dos objetivos da iniciativa, segundo revela o tata Anselmo, que é graduado em Secretariado Executivo e mestre em Educação. Ele acredita que, com a medida, o terreiro contribui para a preservação da ancestralidade africana, pautada, em sua maioria, na oralidade.

3.2 MEMORIAL LAJUOMIM – ILÈ ODÒ OGÈ / TERREIRO DO PILÃO DE PRATA

O memorial *Lajuomim* é uma iniciativa do Terreiro Pilão de Prata, em sua responsabilidade de preservar a memória ancestral da Família *Bámbósé*. Inaugurado em 1994, homenageia a notável *iyalorixá* Caetana Américo Sowzer, eterna *Iyá Caetana "Lajuomim"*: a Mãe dos Olhos D'água, cujo terreiro, o *Ilê Lajuomim*, dá origem ao *Ilê Odô Ogê*.

O acervo conversa objetos pessoais, roupas históricas, esculturas e instrumentos musicais da *Iyalorixá* de Oxum que tocava violino, amava os orixás e tocava a todos com sua profunda nobreza e conhecimentos. O memorial é disponível à visita com hora marcada.

3.3 MEMORIAL MÃE MENINHA DO GANTOIS – ILÈ IYÁ OMI ASÉ IYAMASÉ / TERREIRO DO GANTOIS

O “Memorial Mãe Menininha do Gantois” foi criado em 1992, e reúne mais de 500 peças referentes à história, objetos rituais, e pessoais, de uma das maiores lideranças da religiosidade de matriz africana na Bahia. Ele está integrado ao espaço sagrado do terreiro. Espaço no Terreiro de Gantois guarda mais de 500 peças de Mãe Menininha. Localizado dentro do terreiro, na Federação.

Considerado primeiro espaço museal dessa categoria, o Memorial faz jus à figura legendária e visionária de Mãe Menininha, que sempre teve uma perspectiva de



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

preservação do patrimônio imaterial, com seus ritos e idiossincrasias, assim como do aspecto material, deixando um acervo rico em peças civis e religiosas, num estilo característico de coleção aberta, dividida em três núcleos expositivos: o espaço da mulher, Maria Escolástica; o espaço da sacerdotisa, Mãe Menininha, e a ambientação do seu aposento.

O Memorial tem obra publicada, um registro histórico do acervo, em formato de livro “Memorial Mãe Menininha do Gantois – Seleta do Acervo”, bilíngue, editado em julho de 2010, traduzindo aspectos da história, da cultura, e dos patrimônios que dão à comunidade terreiro a sua devida importância enquanto detentora de testemunhos memoriais.

Na pequena cama onde Mãe Menininha dormia estão a bengala e o baú em que ela guardava miudezas e presentes que dava a algumas das pessoas que lhe visitavam. O rádio que gostava de ouvir também está lá. Ao lado da cama, a bacia e o jarro que usava para se lavar e a mesa original em que jogava búzios. Tudo é preservado intacto.

3.4 MUSEU ILÊ OHUN LAILAI – ILÊ AXÉ OPÔ AFONJÁ

O museu foi criado em 1982 pela saudosa *Iyalorixá* (iyá, ialaorixá ou mãe de santo é uma sacerdotisa e chefe de um terreiro de candomblé Ketu) do Ilê Axé Opô Afonjá, Maria Stella de Azevedo Santos, juntamente com Oni Kówé, Vera Felicidade, com o intuito de preservar na comunidade afrodescendente, através da religiosidade, a importância da história e da cultura *Yorubá*. Em 2000, o museu foi revitalizado, proporcionando uma melhoria nas suas condições físicas, que valorizavam o acervo existente para o público em geral. Os bens culturais que compõem o núcleo inicial do museu foram doados pela comunidade e representam os hábitos e costumes da população religiosa afrodescendente. Com a importância material e imaterial atribuída ao museu, histórias são lembradas e, conseqüentemente, identidade e orgulho são resgatados. O acervo é composto por insígnias, indumentária, mobiliário, medalhas e utensílios domésticos.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

3.5 MUSEU DIGITAL DO TERREIRO TUMBENCI

O Terreiro Tumbenci, localizado no Bairro do Beiru em Salvador, possui um Museu Digital, que tem por objetivo demonstrar a importância do terreiro e o seu valor cultural para a população.

Um acervo exposto através de imagens e vídeos do que foi utilizado e produzido pelo Tumbenci. O acervo é composto por insígnias, indumentária, mobiliário, medalhas e utensílios domésticos.

As técnicas de história oral são utilizadas destacando as narrativas de vida e a abordagem de percepção sensível, a cibernetização do patrimônio cultural.

4 CONCLUSÃO

Pensar a prática da musealização nos Terreiros de candomblé remete, primeiramente, à estratégia de preservação física do espaço. Possuir um memorial confere status ao local por ser uma instituição cultural de ensino e pesquisa, por vezes teve origem através de editais públicos de órgãos governamentais. Ampliando o sentido, a estratégia de preservação também se relaciona com o desejo de preservar aquilo que não é perceptível fisicamente, a memória. Marília Cury parte da ideia que a musealização pode ser entendida como a valorização dos objetos através da seleção para integrar uma coleção. Musealizar é atribuir valores. Valores enaltecidos por uma pesquisa bibliográfica e história oral. Ao musealizar objetos é atribuído a eles a função também de documento através do processo de selecionar, preservar e divulgar:

“Tais processos (...) exprimem na prática a crença na possibilidade de construção de uma síntese a partir da seleção, ordenação e classificação de elementos (CURY, Marília Xavier.

Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005) que, reunidos em um sistema coerente, representarão uma realidade maior e mais



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

complexa”. Cada memorial exposto para análise do projeto possui esta síntese complexa que expressa, ao final, a sua fala sobre a sua própria história.

A sociedade tem como uma das características básicas serem ávida por entretenimento, pelo lazer e diversão, amante do consumo da novidade, do exótico, e do cultural. O entretenimento é uma necessidade da sociedade de massa, é um fenômeno da vida, do terreno da necessidade, onde os objetos culturais, que são um fenômeno do mundo, com seus respectivos símbolos, concepções, e transmissão são alterados e deturpados tornando-se apenas um invólucro, uma casca sem conteúdo.

Roteiros turísticos cada vez mais evidentes em Salvador, exposta como cidade da fé, pautados no turismo religioso, além de praias e Carnaval. Refletem os significados, até reinventados e reinterpretados para o consumo cada vez mais voraz e pertinente aos códigos de recepção da sociedade de massa. Os objetos culturais, em sua forma de mercadoria, são devorados, pois alimentam o processo vital da sociedade, pois ajudam a matar e passar o tempo, um tempo voltado para a diversão que encontram na espetacularização e teatralização da vida cotidiana, e, notadamente, das manifestações culturais o alimento que os sacia. Espetacularização essa usada, ainda, pelo aparelho de estado como forma, técnica e ferramenta de gerenciamento e administração das massas. Os euros e dólares dos turistas ávidos pelo exótico agenciados pelo Turismo Étnico fazem girar a roda do capitalismo de acumulação flexível da contemporaneidade na periferia do capital. Moedas que cintilam e giram juntas com as rodas de capoeira, com as rodas dos Xirês (festas) dos terreiros de Candomblé, com os sambas de roda, com as rodas do maculelê, com as rodas dos balaios dos presentes a lemanjá. Rodas que são as engrenagens do Turismo Étnico e ferramentas de governabilidade para a construção de representações identitárias e da imagem da „Baianidade Nagô”, a cidade de Salvador, assim como instrumento de administração das massas e controle social através das concessões a reconhecimentos culturais, uma verdadeira panacéia a democracia cultural, onde todos terão o „direito” de existir e de se expressar, extremamente lucrativos para um sistema de acumulação de capital flexível baseado na exploração de bens culturais.

Segundo Otilia Arantes:

Tudo é passível de associações simbólicas, possui referências práticas e tradições locais – valores esquecidos e reativados por essa nova voga cultural, que parece



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

querer a todo custo devolver aos cidadãos cada vez mais diminuídos nos seus direitos, materialmente aviltados e socialmente divididos, sua „identidade“, mediante o reconhecimento de suas diferenças“. (Arantes, 1998, p. 152).

A cultura passou a se transformar em um instrumento e tática indispensável de governabilidade e de reprodução do capitalismo de acumulação flexível. A cultura na esfera do estado assumiu a forma de animação virando fetiche e na esfera social se torna um meio de aquisição de capital simbólico, de aquisição de status quo, como forma de diferenciação na massa por parte do homem hedonista pós-moderno, e de entretenimento para a própria sociedade de massa.

A cultura negra na Bahia, em suas diversas roupagens e organizações, nos blocos e afoxés afro-brasileiros, instituições e organizações, e em sua manifestação de resistência mais tradicional, o candomblé em suas diversas nações, logo passou a ser reconhecida, administrada e produzida de forma estereotipada e deturpada em diversos produtos culturais. Visando atender as necessidades de um mercado diverso e fragmentado alimentando a democracia cultural, todas as manifestações e diferenças, criando a imagem de se viver num mundo ideal, da liberdade de expressão absoluta.

A mediação entre os cidadãos e os memoriais e museus inseridos nos Terreiros de Candomblé está sendo enriquecida e fortalecida através das mídias, os usuários estão podendo se apropriar deste patrimônio cultural e buscar dialogar com ele também através da mídia pois há um permanente compartilhamento de informação ente os atores sociais (membros de terreiros) e a sociedade e vice versa. Porém mesmo sendo utilizadas como atração turística da cidade, reclamações com relação à segurança e preservação física dos mesmos são recorrentes mesmo alguns sendo protegidos com a política do Tombamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_____. **Salvaguarda do Patrimônio Cultural Afro-Brasileiro**. Salvador: Caderno n° 1



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

IPAC, Transcrição Ilustrada do debate com Márcia Sant'Anna e Fábio Velame / UFBA, 2013.

_____. **Na gamela do feitiço: repressão e resistência nos Candomblés da Bahia.** Salvador: EDUFBA, 1995.

ANDRADE, Danielly Guimarães Nogueira e SOUZA FILHO, Argemiro Ribeiro de. Memória, Museu e Patrimônio Histórico sob o olhar da Arquitetura. XII Colóquio Nacional e V Colóquio Internacional do Museu Pedagógico, 2017.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia: rito nagô.** Tradução Maria Isaura Pereira de BARTH, Fredrik 'Grupos étnicos e suas fronteiras', in Ph. Poutgnat e J. Streiff-Fernart, *Teorias da etnicidade*. São Paulo; Editora UNESP, 1997, p. 187-227.

BRAGA, Julio. **Candomblé: força e resistência.** Afro-Ásia, Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, n.15, p.13-17, 1992.

CARNEIRO, Edson. **Candomblés da Bahia.** 9ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

COSTA, Heloisa Helena Fernandes Gonçalves da. **Salvador Cidade Capital / Cidade Patrimônio: Mediação entre Cidade Museu, Patrimônio Cultural e Cibernetização.** XVI ENANCIB, 2015.

D'ADESKY, Jaques. **Pluralismo Étnico e Multiculturalismo – Racismo e Anti-Racismo no Brasil,** Rio De Janeiro, Pallas, 2009.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo: Comentários sobre a Sociedade do Espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

FEDERAÇÃO CULTO AFRO-BRASILEIRO – FENACAB.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan S.A. 1989.

REIS, João J. **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANTOS, Edmar Ferreira. **O poder dos candomblés: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2009.

SANTOS, Anselmo José da Gama. **Cartilha do Memorial Kisimbê**, Salvador: Anselmo José da Gama, 2011.

SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade: A forma social negro-brasileira**, Secretaria da Cultura e Turismo, 2002.

VELAME, Fábio Macêdo. **Dos orixás Invisíveis aos Orixás Visíveis: Um ensaio sobre a mercantilização dos deuses nagôs na Bahia**.

VELAME, Fábio Macêdo. **A Meca Afro-Americana – A cidade de Cachoeira no Recôncavo Baiano**. Site: aldeianago.com <https://fotospublicas.com/memorial-mae-menininha-do-gantois-em-salvador-ba/> <https://www.salvadorbahia.com/>
<http://www.cultura.ba.gov.br/> <http://saltur.salvador.ba.gov.br/>